

# A SÍNTESE DO IOGA

*Sri Aurobindo*

**25 – A Shakti Divina**

**09.10.22**

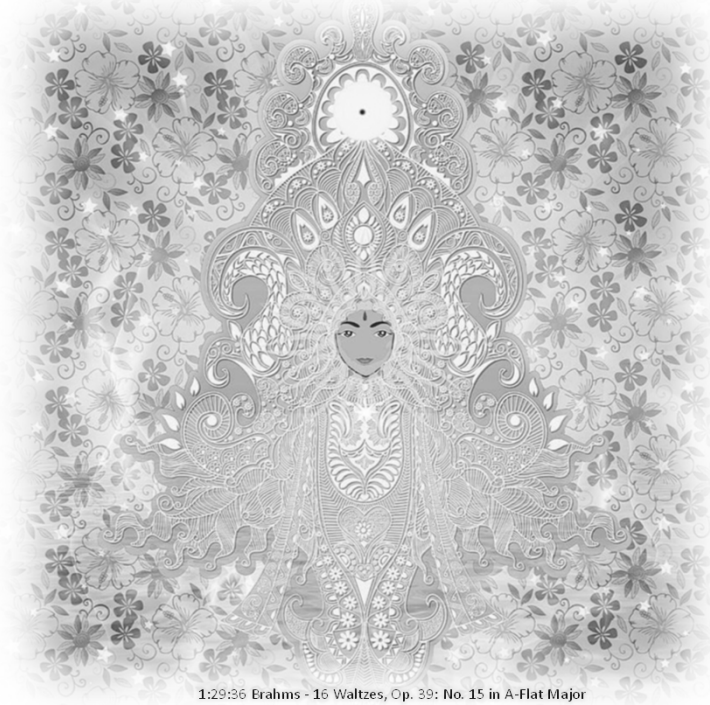
(Parte IV – Capítulo XVI)

- A Aventura da Consciência e da Alegria -

Ciclo de Estudos da CASA Sri Aurobindo

2020 - 2022

1



1:29:36 Erahms - 16 Waltzes, Op. 39: No. 15 in A-Flat Major

A relação entre o *Purusha* e a *Prakriti*,  
que emerge à medida que avançamos no caminho da autoperfeição,  
é a próxima coisa que devemos entender  
de maneira rigorosa nessa parte do loga.

Na verdade espiritual de nosso ser,  
o poder que chamamos “Natureza”  
é o poder de ser, de consciência e de vontade  
do self, alma ou *Purusha*  
e, portanto, seu poder de expressão e criação.

Mas para nossa mente comum na ignorância  
e para sua experiência das coisas,  
a força da *Prakriti* tem uma aparência diferente.

Quando a observamos em sua ação universal, exterior a nós,  
a vemos, primeiro, como uma energia mecânica no cosmos,  
que age na matéria ou nas formas de matéria que ela criou.

3

Nessa matéria, ela faz aparecer poderes e processos da vida  
e, na matéria viva, poderes e processos da mente.

Ao longo de suas operações ela segue leis fixas  
e, para cada gênero de coisas criadas  
ela apresenta propriedades de energia variáveis e leis de processo  
que dão seu caráter particular ao gênero ou à espécie;

depois, no indivíduo, sem infringir a lei da espécie,  
ela faz aparecer características e variações menores,  
de consequências consideráveis.

É essa aparente mecânica da *Prakriti* que ocupou a mente científica moderna  
e modelou toda a sua perspectiva em relação à Natureza,  
a tal ponto que a ciência ainda espera  
(com bem pouco sucesso, apesar de seu esforço)  
explicar todos os fenômenos da vida pelas leis da matéria,  
e todos os fenômenos da mente pelas leis da matéria viva.

4

Aqui, a alma ou espírito não tem lugar,  
e a natureza não pode ser considerada  
como um poder do Espírito.

E se nossa existência for mecânica, física,  
e encadeada ao fenômeno biológico  
de uma breve consciência viva,  
e se o ser humano for uma criatura  
e um instrumento da energia material,  
a autoevolução pelo loga só poderá ser uma ilusão,  
uma alucinação, um estado anormal da mente ou uma auto-hipnose.

Em todo caso, o loga não poderia ser o que pretende ser:  
uma descoberta da verdade eterna de nosso ser  
e uma possibilidade de ultrapassarmos a verdade limitada  
de nossa natureza mental, vital e física,  
para alcançar a verdade integral de nossa natureza espiritual.

5

Porém, quando observamos,  
não a Natureza mecânica externa, abstraindo nossa personalidade,  
mas a experiência interior e subjetiva do homem, o ser mental,  
nossa natureza assume para nós uma aparência bem diferente.

Poderemos, talvez, acreditar intelectualmente  
em um conceito puramente mecânico,  
até mesmo de nossa existência subjetiva,  
mas não podemos basear nele nossa ação  
ou torná-lo de todo real para nossa experiência de nós mesmos,  
pois somos conscientes de um “eu”  
que não parece idêntico à nossa natureza,  
mas é capaz de manter-se por trás dela,  
de observá-la com desapego, de criticá-la e utilizá-la de maneira criativa,  
e somos conscientes também de uma vontade  
que consideramos naturalmente como um livre arbítrio;

6

e mesmo se isso for uma ilusão,  
ainda somos obrigados, na prática,  
a agir como se fôssemos seres mentais responsáveis,  
capazes de livre escolha em nossas ações,  
capazes de agir para o bem ou para o mal  
e de orientar nossa natureza  
para fins mais elevados ou inferiores.

E parece mesmo que lutamos com nosso meio  
e com nossa natureza atual e nos esforçamos,  
seja para obter o domínio sobre um mundo  
que se impõe a nós e nos domina,  
seja para nos tornar algo mais do que aquilo que agora somos.  
Porém, a dificuldade é que temos autoridade, se de fato a temos,  
apenas sobre uma pequena parte de nós mesmos,  
o resto é *subconsciente* ou *subliminar* e fora de nosso controle;

7

nossa vontade age apenas em  
uma pequena seleção de nossas atividades;  
a maioria é uma série de mecanismos e hábitos  
e devemos lutar constantemente com nós mesmos  
e com as circunstâncias circundantes,  
para fazer o mínimo progresso  
ou melhorar a nós mesmos.

Parece que há em nós um ser dual;  
*Alma e Natureza, Purusha e Prakriti,*  
que parecem estar meio em acordo, meio em desacordo;  
a Natureza que impõe seu controle mecânico à alma,  
a alma que tenta mudar e dominar a natureza.

A questão é saber  
qual é o caráter fundamental dessa dualidade  
e como resolvê-la.

8

A explicação do *Sankhya* diz que  
nossa existência atual é governada por um princípio dual:

*Prakriti* é inerte sem o contato do *Purusha*,  
ela só age por uma junção com ele  
e, mesmo então,  
ela segue o mecanismo fixo  
de seus instrumentos e atributos próprios;

*Purusha*, passivo e livre  
quando separado da *Prakriti*,  
pelo contato com ela  
e por sua sanção às obras dela,  
torna-se submisso a esse mecanismo,  
vive nas limitações do sentido do ego  
e deve libertar-se retirando sua sanção  
e retornando a seu princípio próprio.

9

Segundo outra explicação,  
que concorda com certa parte de nossa experiência,  
haveria em nós um ser dual, o animal e material  
ou, de maneira mais ampla,  
o ser inferior encadeado à natureza,  
e a alma ou o ser espiritual,  
emaranhado pela mente na existência material  
ou na natureza do mundo;

a liberdade consistiria em escapar desse emaranhamento  
para que a alma pudesse retornar a seus planos nativos,  
e o self ou espírito à sua pura existência.

A perfeição da alma não se encontraria, então,  
de nenhum modo,  
na Natureza,  
mas além dela.

10

Porém, em uma consciência mais alta  
do que nossa consciência mental atual,  
percebemos que essa dualidade  
é apenas uma aparência fenomênica.

A verdade suprema e real da existência  
é o Espírito único,  
a Alma suprema,  
*Purushottama*,  
e é o poder de ser desse Espírito  
que se manifesta em tudo  
o que experienciamos no universo.

Essa natureza universal não é um mecanismo sem vida,  
inerte, inconsciente:  
todos os seus movimentos são animados  
pelo Espírito universal.

11

O mecanismo de seu processo  
é apenas uma aparência externa,  
pois na realidade  
é o Espírito que cria ou manifesta  
seu próprio ser por seu próprio poder de ser,  
em tudo o que existe na Natureza.

A alma e a Natureza em nós também são  
apenas uma aparência dual da existência única.

A energia universal age em nós,  
mas a alma limita-se pelo sentido do ego,  
vive uma experiência separada e parcial  
das operações dessa energia universal  
e usa dela apenas uma quantidade  
módica e fixa para sua expressão.

12

Ela parece, antes, ser dirigida e utilizada por essa energia,  
 mais do que ela mesma utilizá-la,  
 porque a alma se identifica com o sentido de ego,  
 que é parte da instrumentação natural,  
 e vive na experiência do ego.

De fato, o ego é movido pelo mecanismo da Natureza,  
 de que ele é uma parte,  
 e a vontade do ego não é,  
 e não pode ser,  
 uma vontade livre.

Para chegar à liberdade, à mestria e à perfeição  
 devemos retornar ao nosso self verdadeiro, alma dentro,  
 e assim chegar também à nossa relação verdadeira  
 com nossa própria natureza  
 e com a natureza universal.

13

Em nosso ser ativo,  
 esse retorno consiste em  
 substituir nossa vontade e energia  
 egoísticas, pessoais, individuais e separativas  
 por uma vontade e uma energia universais e divinas,  
 que determinarão nossa ação  
 em harmonia com a ação universal  
 e se revelarão como a vontade direta do *Purushottama*  
 e seu poder que tudo dirige.

Substituiremos a ação inferior  
 da vontade e energia pessoais,  
 limitadas,  
 ignorantes  
 e imperfeitas em nós,  
 pela ação da *Shakti* divina.

14

Abrirmo-nos à energia universal nos é sempre possível,  
 porque ela está em torno de nós e sempre se derrama sobre nós;

é ela que sustenta e alimenta  
 toda nossa ação interna e externa  
 e, de fato, não temos nenhum poder próprio,  
 no sentido de um poder individual separado,  
 mas apenas alguma formulação pessoal da *Shakti* única.

Ademais, essa *Shakti* universal está dentro de nós,  
 concentrada em nós,  
 porque seu poder inteiro está presente em cada indivíduo,  
 assim como no universo,  
 e existem meios e processos  
 pelos quais podemos despertar sua força superior,  
 potencialmente infinita,  
 e liberá-la para operações mais vastas.

15

Poderemos então perceber  
 a existência e a presença da *Shakti* universal  
 nas várias formas de seu poder.

No presente, somos conscientes apenas do poder  
 como se formula em nossa mente física,  
 em nosso ser nervoso  
 e na caixa corpórea que sustenta nossas diversas atividades.

Porém, se pelo loga,  
 pudermos ir além dessa primeira formação  
 pela liberação das partes escondidas, recônditas,  
 subliminares de nossa existência,  
 perceberemos uma força de vida maior,  
 uma *Shakti* prânica,  
 que sustenta e preenche o corpo  
 e alimenta todas as atividades físicas e vitais

16



– e também alimenta e sustenta de baixo toda a nossa ação mental.

Essa força sentimos em nós também,  
mas podemos senti-la do mesmo modo  
em torno a nós e acima de nós,  
una com a mesma energia em nós,  
e podemos fazê-la descer para aumentar nossa ação normal,  
ou chamá-la para que se derrame sobre nós.

Esse é um oceano de *Shakti* ilimitável,  
que derramará em nós  
o tanto de si que possamos conter em nosso ser.

Essa força prânica, podemos utilizá-la  
para todas as atividades da vida, do corpo e da mente,  
com um poder e uma eficácia muito maiores do que  
qualquer outra de que dispomos em nossas operações atuais,  
limitadas como são pela fórmula física.

17

O uso desse poder prânico nos liberta dessa limitação,  
na medida em que formos capazes de usá-lo,  
em lugar de recorrer à energia ligada ao corpo.

Ele pode ser usado para dirigir o *prana*  
e organizar de maneira mais poderosa, ou retificar,  
qualquer estado ou atividade do corpo,  
curar doenças ou eliminar a fadiga  
e liberar uma quantidade enorme de esforço mental  
ou de atividade da vontade ou do conhecimento.

Os exercícios de *pranayama* são o meio mecânico familiar  
para liberar e controlar a energia prânica.

Eles intensificam também, e liberam,  
as energias psíquicas, mentais e espirituais,  
que em geral dependem da força prânica para poder agir.

18

Mas a mesma coisa pode ser feita  
pela vontade mental e uma prática mental,  
ou por nossa abertura crescente  
ao poder superior, espiritual, da *Shakti*.

A *Shakti* prânica pode ser dirigida não apenas a nós mesmos,  
mas, de maneira efetiva, em direção a outros  
ou a coisas e acontecimentos,  
para qualquer propósito ditado pela vontade.

Sua eficácia é imensa, em si mesma ilimitável,  
e limitada apenas por alguma insuficiência de poder, de pureza  
ou de universalidade na vontade espiritual ou em outra,  
que possamos impor-lhe;

mas ainda assim, embora imensa e poderosa,  
é uma formulação inferior,  
um elo entre a mente e o corpo, uma força instrumental.

19

Há nela uma consciência,  
uma presença do espírito que podemos perceber,  
mas ela está encerrada,  
envolvida no impulso da ação e absorvida por ela.

Não é a esse modo de funcionar da *Shakti*  
que devemos abandonar todo o peso de nossas atividades;

é preciso utilizar o que ela nos empresta,  
seja fazendo apelo à nossa vontade pessoal iluminada,  
seja chamando uma guiança mais alta;

pois, deixada a si mesma,  
ela agirá com uma força mais vasta,  
porém, ainda assim, conforme nossa natureza imperfeita  
e, sobretudo, pelo impulso e direção do poder vital em nós  
e não conforme a lei da existência espiritual suprema.

20

O poder normal com que governamos a energia prânica  
é o da mente encarnada.

Porém, quando emergimos livremente acima da *mente física*,  
podemos nos elevar ao mesmo tempo acima da força prânica  
e tomar consciência de uma energia mental pura  
que é uma formulação superior da *Shakti*.

Percebemos, então, uma consciência mental universal  
estritamente associada a essa energia prânica  
em nós, em torno a nós e acima de nós  
– isto é, acima do nível do estado de nossa mente comum –  
que nos fornece toda a substância  
de nossa vontade e de nosso conhecimento  
e modela todas as suas formas,  
assim como todas as formas da parte psíquica  
em nossos impulsos e em nossas emoções.

21

Podemos fazer essa força da mente agir na energia prânica  
e impor-lhe a influência, a cor, a forma, o caráter, a direção  
de nossas ideias, de nosso conhecimento, de nossa volição mais aclarada  
e, assim, pôr nossa vida e nosso ser vital,  
de maneira mais efetiva,  
em harmonia com os poderes superiores de nosso ser,  
com nossos ideais e aspirações espirituais.

Em nosso estado comum,  
esses dois seres – mental e prânico – e suas energias,  
estão muitíssimo misturados, fundem-se um no outro,  
e não somos capazes de distingui-los com clareza  
ou de dar a um a autoridade completa sobre o outro  
e assim controlar de maneira efetiva  
o princípio inferior  
pela compreensão mais ampla do princípio superior.

22

Mas quando nos posicionamos acima da mente física,  
podemos então separar com clareza  
as duas formas de energia,  
os dois níveis de nosso ser,  
desemaranhar sua ação  
e agir com um autoconhecimento  
mais claro e mais potente,  
e com um poder de vontade  
mais luminoso e mais puro.

No entanto, o controle não será  
completo, espontâneo, soberano  
enquanto nos servirmos da mente  
como força principal  
para nos guiar e governar.

23

Percebemos que a própria energia mental é derivada,  
um poder inferior e limitador do espírito consciente,  
que reage apenas a visões isoladas e combinadas,  
a meias-luzes imperfeitas e incompletas  
que tomamos pela luz completa e adequada,  
e que há uma disparidade entre  
a ideia e o conhecimento  
e o poder-vontade realizador.

Mas logo percebemos um poder muito mais elevado  
do Espírito e sua *Shakti*,  
escondido ou acima,  
supraconsciente para a mente  
ou a agir de modo parcial por meio da mente,  
do qual tudo isso é um derivado inferior.

24

No nível mental, o *Purusha* e a *Prakriti*,  
 como no resto de nosso ser,  
 estão estreitamente unidos, muito ligados um ao outro,  
 e não somos capazes de distinguir com clareza a alma e a natureza.

Porém, em uma substância mental mais pura,  
 podemos distinguir com mais facilidade essa tonalidade dupla.

O *Purusha* mental é capaz, de maneira natural,  
 em seu princípio mental original próprio,  
 de separar-se das obras de sua *Prakriti*, como vimos,  
 e há, então, uma divisão em nosso ser,  
 entre uma consciência que observa  
 e pode reservar seu poder de vontade,  
 e uma energia cheia de uma substância de consciência,  
 que assume diferentes formas  
 de conhecimento, de vontade e de sentimento.

25

Em seu ponto mais alto,  
 esse desapego dá à alma certa liberdade  
 em relação às compulsões da sua natureza mental.

Pois em geral somos empurrados e levados  
 pela corrente de nossa própria energia  
 e da energia ativa universal  
 – em parte a nos debater em suas ondas,  
 em parte nos mantendo à superfície  
 e parecendo guiar a onda  
 ou, ao menos,  
 a nos propelir por uma concentração do pensamento  
 ou por algum esforço muscular da vontade mental;

26

mas agora há uma parte de nós mesmos,  
 a mais próxima da essência pura do self,  
 que está livre da corrente  
 e pode observar com quietude  
 e, até certo ponto decidir,  
 seu movimento e seu curso imediatos  
 e, em medida maior,  
 sua direção última.

O *Purusha* pode, por fim,  
 agir sobre a *Prakriti*,  
 em parte separado dela,  
 por trás ou do alto,  
 como uma pessoa ou uma presença, *adhyaksa*,  
 pelo poder da sanção  
 e do controle inerente ao espírito.

27

O que faremos com essa liberdade relativa  
 depende de nossa aspiração,  
 nossa ideia da relação que devemos ter  
 com nosso self superior,  
 com Deus e com a Natureza.

É possível para o *Purusha* utilizar isso no plano puramente mental,  
 para uma auto-observação,  
 autodesenvolvimento  
 e autorretificação constantes,  
 para autorizar, rejeitar, alterar,  
 trazer para fora novas formulações da natureza  
 e estabelecer uma ação calma e desinteressada,  
 um alto equilíbrio  
 e um ritmo puros e sátvicos de sua energia  
 – uma personalidade aperfeiçoada no princípio *sátvico*.

28

Isso pode resultar apenas em uma perfeição altamente mentalizada de nossa inteligência atual e de nosso ser ético e psíquico, ou então, cômico do self maior em nós, o *Purusha* pode impersonalizar, universalizar, espiritualizar sua existência consciente e a ação de sua natureza, e chegar a uma quietude vasta ou a uma vasta perfeição da energia mental espiritualizada de seu ser.

O *Purusha* pode também manter-se inteiramente por trás e, por recusar sua permissão, deixar toda a atividade normal da mente exaurir-se por si mesma, enfraquecer-se, gastar o que lhe resta do ímpeto de ação habitual, e cair em silêncio.

Ou então esse silêncio pode ser imposto à energia mental rejeitando sua ação e ordenando-lhe constantemente a quietude.

29

Pela confirmação dessa quietude e desse silêncio mental, a alma pode passar à tranquilidade inefável do espírito, entrar em uma vasta cessação das atividades da Natureza.

Mas é também possível fazer desse silêncio da mente e dessa capacidade de suspender os hábitos da natureza inferior um primeiro passo para a descoberta de uma formulação superior, de um grau de ser superior, não apenas estático, mas também dinâmico e, por uma ascensão e transformação, passar ao poder supramental do espírito.

30

E mesmo isso pode ser feito,  
 embora com mais dificuldade,  
 sem recorrer ao estado completo de quietude da mente normal,  
 por uma transformação contínua e progressiva  
 de todos os poderes e atividades mentais  
 em seus correspondentes  
 poderes e atividades supramentais superiores.

Pois tudo na mente é um derivado,  
 uma tradução limitada,  
 inferior,  
 tateante,  
 parcial  
 ou distorcida,  
 em termos mentais,  
 de algo que existe na supramente.

31

Mas nem um nem outro desses movimentos  
 pode ser executado com sucesso  
 apenas pelo poder individual  
 do *Purusha* mental em nós,  
 sem ajuda;  
 é preciso a ajuda,  
 a intervenção  
 e a guiança do Self divino,  
 do *Ishwara*, do *Purushottama*,  
 pois a supramente é a mente divina  
 e é no plano supramental  
 que o indivíduo consegue sua relação justa,  
 integral, luminosa e perfeita  
 com o *Purusha* supremo e universal  
 e com a *Para Prakriti* suprema e universal.

32



À medida que a mente progride  
 em pureza, em capacidade de quietude,  
 e se libera da absorção em sua ação limitada,  
 ela começa a perceber o Self,  
 o Espírito supremo e universal,  
 e é capaz de refleti-lo,  
 de fazê-lo entrar nela mesma  
 ou de entrar em sua presença consciente;  
 e ela percebe também os graus e os poderes do espírito,  
 mais altos do que as suas próprias regiões mais altas.  
 Ela começa a perceber um infinito de consciência de ser,  
 um oceano infinito de todo poder  
 e de toda energia de consciência sem limites,  
 um oceano infinito de *Ananda*,  
 do deleite espontâneo da existência.

33

Pode ser que ela perceba  
 apenas um ou outro desses infinitos,  
 pois a mente pode separar e sentir,  
 à exclusão de outros,  
 e como princípios originais distintos,  
 os poderes que,  
 em uma experiência mais alta,  
 são inseparáveis do Um,  
 ou ela pode senti-los em uma trindade  
 ou em uma fusão,  
 que revela sua unidade  
 ou conduz à unidade.  
 A mente pode se tornar consciente desse Infinito,  
 seja do lado do *Purusha*,  
 seja do lado da *Prakriti*.

34

Do lado do *Purusha*,  
 esse Infinito se revela como Self ou Espírito,  
 como o Ser ou como o só e único Ser existente,  
 o divino *Purushottama*,  
 e o *Jiva* individual, a alma,  
 pode entrar em inteira unidade com ele  
 em seu self atemporal  
 ou em sua universalidade,  
 ou pode fruir da proximidade, da imanência, da diferença  
 sem nenhum espaço de separação,  
 e fruir também, de maneira inseparável  
 e ao mesmo tempo,  
 a unidade do ser e o deleite  
 que é dado pela diferença de relação  
 na experiência ativa da natureza.

35

Do lado da *Prakriti*,  
 o poder e a Ananda do Espírito vêm para a frente  
 para manifestar esse Infinito nos seres,  
 nas personalidades, nas ideias, nas formas e nas forças do universo;  
 então, revela-se a nós a *Mahashakti* divina,  
 o Poder original, a Natureza suprema,  
 que contém em si mesma a existência infinita  
 e cria as maravilhas do cosmos.

A mente torna-se consciente desse oceano de *Shakti* ilimitado  
 ou então de sua presença muito acima da mente  
 a derramar algo de si mesma em nós  
 para constituir tudo o que somos,  
 tudo o que pensamos,  
 queremos, fazemos  
 e experienciamos;

36

ou, então, a mente é consciente dela  
em torno de nós e de nossa personalidade,  
uma onda do oceano de poder do espírito;  
ou de sua presença em nós e de sua ação aqui,  
baseada na presente forma de nossa existência natural,  
mas que tem sua origem acima  
e nos eleva em direção a um estado espiritual mais alto.  
A mente pode também elevar-se e tocar a infinidade da *Shakti*  
ou fundir-se nela no transe do *samadhi*  
ou perder-se em sua universalidade;  
então, nossa individualidade desaparece,  
nosso centro de ação não está mais em nós,  
mas fora de nosso self encarnado  
ou em nenhum lugar;

37

nossas atividades mentais, então,  
não são mais nossas, mas vêm do universal  
e chegam a essa moldura de mente, vida e corpo,  
cumprem-se e passam, sem deixar traços em nós,  
e essa moldura que somos também  
é apenas uma circunstância insignificante  
na imensidade cósmica da *Shakti*.

Porém,  
a perfeição que buscamos no loga integral  
não consiste apenas em ser uno com a *Shakti*  
em seu poder espiritual supremo  
ou em ser uno com sua ação universal,  
mas em realizar e possuir a completude dessa *Shakti*  
em nosso ser individual  
e em nossa natureza individual.

38

Pois o Espírito supremo é um,  
 enquanto *Purusha* ou enquanto *Prakriti*,  
 enquanto ser cômico ou poder de ser cômico  
 – e, assim como o *Jiva*,  
 na essência do self e do espírito,  
 é uno com o *Purusha* supremo,  
 do mesmo modo, do lado da Natureza,  
 ele é uno com a *Shakti*,  
*para praktir jivabhuta*.

Realizar essa unidade dupla  
 é a condição da autoperfeição integral.

O *Jiva* torna-se então  
 o lugar de encontro do jogo de unidade  
 da Alma suprema  
 com a Natureza.

39

Para alcançar essa perfeição  
 devemos nos tornar conscientes da *Shakti* divina,  
 fazê-la descer em nós,  
 e chamá-la para que ocupe nosso inteiro sistema  
 e tome a direção de todas as nossas atividades.  
 Então, não haverá mais vontade pessoal separada  
 nem energia individual que tente conduzir nossas ações,  
 nem o senso de um pequeno self pessoal que age;  
 tampouco será a energia inferior das três gunas  
 – a natureza mental, vital e física –  
 que agirá.

A *Shakti* divina nos preencherá  
 e presidirá todas as nossas atividades interiores,  
 toda nossa vida externa,  
 todo nosso ioga e se ocupará de tudo.

40

Ela tomará a energia mental  
 – sua formação inferior –  
 e a elevará a seus poderes de  
 inteligência, vontade e ação psíquicas  
 mais altos, mais puros, mais completos.

Mudará as energias mecânicas da  
 mente, da vida e do corpo,  
 que agora nos governam,  
 e fará delas manifestações impregnadas  
 do deleite de sua presença viva  
 e de seu poder consciente.

Ela manifestará em nós  
 as diversas experiências espirituais  
 de que a mente é capaz  
 e as ligará todas entre elas.

41

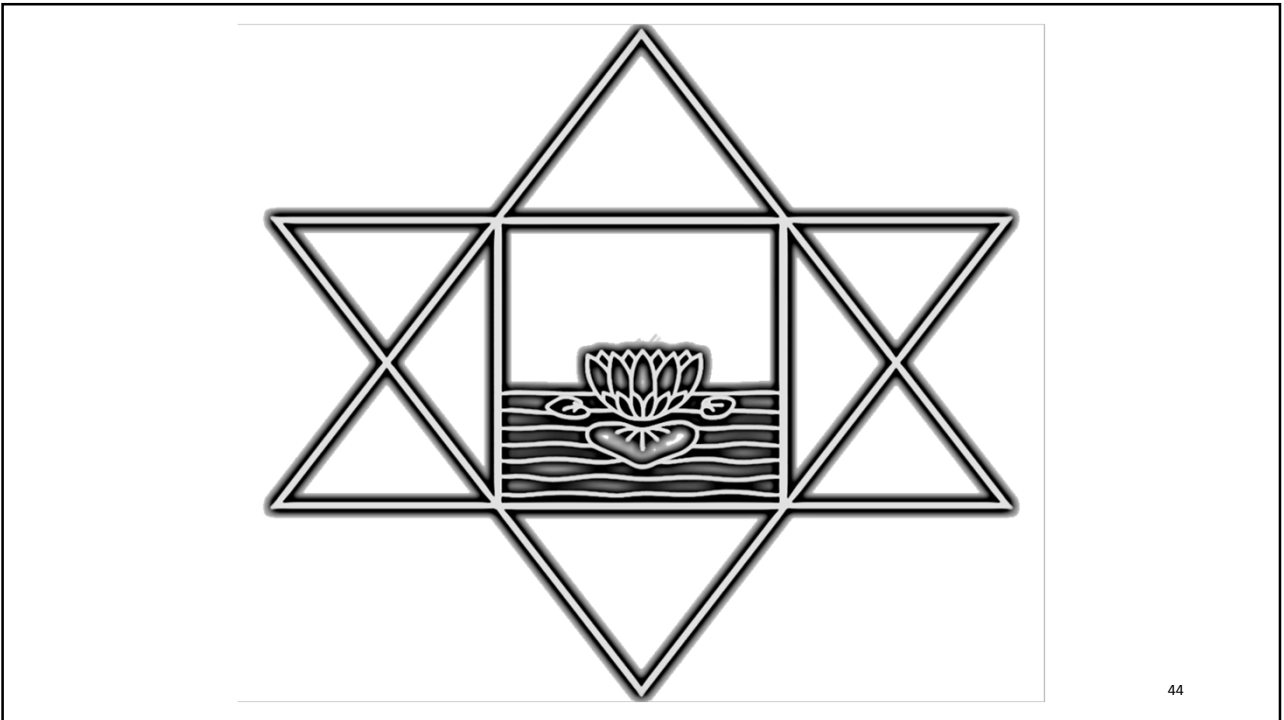
E para coroar esse processo,  
 ela fará descer a luz supramental  
 nos níveis mentais,  
 mudará a substância da mente  
 em substância da supramente,  
 transformará todas as energias inferiores  
 em energias de sua natureza supramental  
 e nos elevará a nosso ser de gnose.

A *Shakti* revelar-se-á como  
 o poder do *Purushottama*,  
 e é o *Ishwara* que se manifestará  
 em sua força da supramente  
 e de seu espírito  
 e será o mestre de nosso ser,  
 de nossa ação, vida e ioga.

42



Vir Unis – Undivided Flow



44